

Mariana Hollweg Dias e Edson Luiz André de Sousa

**(Psicanalista, Especialista em Psicologia do Esporte e Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil; Psicanalista e Professor de Pós-Graduação em Psicologia Social e em Artes Visuais da UFRGS)**

**Citação:** Dias, Mariana Hollweg e Edson Luiz André de Sousa, "Utopia Esportiva: O papel da técnica e o lugar do sujeito no esporte de alto rendimento", *E-topia: Revista Eletrônica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 14 (2013). ISSN 1645-958X. <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

"Utopia" foi o nome dado a uma ilha em uma narrativa de 1516 de Thomas Morus, em que as pessoas eram sábias e felizes já que viviam num sistema político e social que beirava a perfeição. O autor tecia críticas ao sistema de sua época e apresentava um lugar onde as coisas funcionavam de maneira a tornar a sociedade mais harmoniosa. Desta forma, todo sonho utópico implica necessariamente uma posição crítica em relação a seu tempo buscando o que Adorno chamava de "vida justa" (1983: 139). Seguiram-se a essa produção inúmeras outras narrativas que apontavam para uma *utopia social*, descreviam lugares e sistemas onde outra realidade diferente da existente era possível. Anos mais tarde, o então chamado pensamento utópico passa a ser objeto de reflexão filosófica para além de um gênero literário.

O espírito utópico desperta um pensamento crítico que marca a história da humanidade e, sobretudo, o século XX. Segundo Barbanti (2000), a utopia se caracteriza por ser a manifestação histórica de um sujeito racional que, numa crítica implícita ao presente, prefigura uma outra forma de vida possível. Para Bloch (2005), a utopia está ligada àquilo que ainda-não-veio-a-ser, ao sonho para frente, ao antecipatório. A esperança, definida pelo autor como a mais humana das emoções, nosso afeto militante, impulsiona esse sonho. Sendo assim, a categoria do utópico tem o sentido de ultrapassar o curso natural dos acontecimentos tendo "a importante função de resistir aos imperativos do consenso que cada vez mais o laço social nos impõe" (Sousa 2007: 14).

Jacoby (2007) sublinha que na tradição encontramos uma escola utópica projetista e uma iconoclasta. Os utopistas projetistas detalharam especificamente como seria o futuro, como as pessoas deveriam trabalhar, comer, vestir-se, brincar. Para o autor, tal planejamento excessivo soa autoritário e repressivo, afinal há uma maneira correta que as pessoas deveriam seguir. Já nas utopias iconoclastas, há o mesmo anseio por uma sociedade justa e igualitária, mas não é apontada qual seria essa sociedade ideal. E não é descrita pelo simples fato de que desconhecemos sua forma. Há uma passagem na *Utopia* de Morus que descreve com precisão uma posição de renúncia da enunciação da forma definitiva deste ideal. Em um momento em que alguém pergunta ao narrador da história da famosa ilha como era o nome da mesma, algo é enunciado, mas ninguém consegue escutar. Uma tosse encobre a voz. Assim, metaforicamente Morus indica que se trata muito mais de uma ilha de desejo e de papel que um ponto que podemos localizar no mapa.

É um grande equívoco ler as utopias como prescritivas como se elas pudessem anunciar o segredo da felicidade:

Os textos utópicos nada mais são que ficções que buscam simplesmente pela força da imaginação abrir uma ferida crítica nas paisagens de nosso tempo. Pretendiam, portanto, provocar suas épocas com pensamentos e assim abrir novas fronteiras para a imaginação e a responsabilidade diante da história. Thomas Morus e sua Utopia, Tommaso Campanella e sua Cidade do Sol, Francis Bacon e sua Atlântida e tantos outros materializaram em texto o que Ernst Bloch nomeia como princípio Esperança. Esperança crítica que para sonhar para frente precisa conhecer minimamente alguns princípios de funcionamento da máquina social. (Sousa 2007: 71)

## Potencial utópico do ideal esportivo

Propomos pensarmos o esporte como uma utopia. Mas de que utopia se trata? Para o que ela aponta?

No esporte de alto rendimento,<sup>1</sup> os atletas treinam visando ao desempenho máximo; seus corpos são colocados a serviço da performance ideal, distanciando-se dos “simples mortais”. Gumbrecht, no livro chamado *Elogio da Beleza Atlética* (2007), fala do fascínio exercido pelo esporte abordando justamente esse ponto. Para o autor os atletas se transformam em objeto de admiração em função da distância que separa espectadores e esportistas no que tange a possibilidade de desempenho:

Às vezes, a distância entre mim e meus heróis atléticos parece ficar menor do que a maioria de nós tende a acreditar em nossa racionalidade cotidiana. Talvez não devamos descartar a possibilidade de que o fato de assistir a esportes nos permita ser, subitamente, de alguma maneira, um daqueles lindos e lindamente transfigurados corpos (Gumbrecht 2007: 32).

Levando em consideração a crise de valores quanto a uma identificação possível na atualidade, vemos o quanto o desempenho ideal almejado pelos atletas pode servir como um horizonte identificatório. Na busca da excelência é preciso determinação e muita disciplina, dedicação e uma dose de paciência. O imediatismo não cabe aqui. É preciso confiar na equipe técnica e nos colegas, no caso do esporte coletivo, onde o fator cooperação é importantíssimo. É necessário não desanimar após uma frustração, inerente ao envolvimento com a competição, e ter garra o suficiente para seguir tentando, mesmo quando o caminho parece extremamente árduo. Se por um lado, toda essa vivência esportiva pode apontar para um aspecto opressor desse meio, por outro, podemos pensar o quanto esses valores (determinação, disciplina, dedicação) têm um potencial extremamente construtivo no laço social. Além disso, a congregação e a igualdade de classes, presentes nas grandes narrativas utópicas sociais, estão fortemente associadas ao meio esportivo.

Gumbrecht destaca que a tradição intelectual ocidental trabalha com dois conceitos que vêm da Grécia antiga para pensar o esporte: *agon* e *arete*. *Agon* está relacionado com luta, com competição que, segundo o autor, é associado com tensões potencialmente violentas dentro das regras do esporte. Já *arete* refere-se a busca pela excelência visando levar a performance aos limites. Para o autor, o componente dominante da performance atlética é a *arete* já que a própria busca pela excelência implica competição:

Se eu fosse fazer um elogio mais à competição que à excelência, confirmaria uma visão sobre o esporte que lhe rendeu sua má reputação entre tantos intelectuais. É a imagem dos atletas e dos torcedores como um bando de neuróticos roedores de unhas, movidos à ansiedade, viciados numa competitividade pontilhada de capitalismo e moldados pelo estresse que tal competitividade supostamente produz. A busca pela excelência e a colocação dos limites à prova, porém, eliminam todas essas associações negativas e projetam uma visão muito mais nobre – ou pelo menos bem menos condescendente – do esporte. (*idem*: 58)

A teorização de Bloch (2005) sobre metas nos auxilia a seguir pensando no lugar do *desempenho sempre melhor que o anterior*, ideal almejado no alto rendimento. O autor fala em dois tipos de metas, a ideal e a habitual. Quando uma delas busca além do desejável e almejável, a perfeição, ela recebe o nome de ideal. A meta ideal não permite concessões e é investida irrevogavelmente, impondo-se como um dever, sendo que o não cumprimento é acompanhado da má consciência, ou, ao menos, de um sentimento de renúncia. Haveria uma ilusão de valor tanto na meta habitual quanto na ideal. Naquela tal ilusão pode ser desfeita pela experiência, já nesta muitas vezes a ilusão do objeto ideal só pode ser desfeita mediante uma catástrofe e, ainda assim, nem sempre. Traz como exemplo os ideais políticos os quais continuam tendo influência como ideais autênticos mesmo após catástrofes empíricas.

Façamos um paralelo com o ideal esportivo de superação. É possível bater recordes infinitamente? Qual o limite do ser humano? O ideal esportivo de superação pode estar tensionando o presente e cumprindo a função utópica de levar o desejo adiante, como algo que nos move em direção à vida. Ele não precisa estar limitado a um dever ser opressor, pode aprender com a experiência e fazer concessões quando a sua exigência corre o risco de aniquilar o sujeito.

O pensamento de Bloch (2006) a respeito do esporte vai nessa direção. Diz o autor, que ainda que a luta por melhoras seja muitas vezes substituída pela "superação de recordes", denotando o caráter político do esporte e por isso mesmo via fácil de expressão dos sintomas de uma época, o exercício atlético continua desejanse e esperançoso

Não apenas visa assumir o controle do corpo, de modo que não haja nele gordura e que cada movimento flua suave e desinibidamente. Visa também fazer mais, poder ser mais com o

corpo do que lhe foi cantarolado no berço. Na postura esportiva genuína isso é bem diferente da postura cosmética diante do espelho, da maquiagem, que à noite é retirada das feições femininas, ou das demais remodelações que são retiradas ao se tirar a roupa. O corpo justamente não deve ser encoberto, mas sair das distorções e deformações que a sociedade de divisão do trabalho, da alienação, também lhe causou. (Bloch 2006: 11)

## **A utopia tecnicista**

Nos séculos XIX e XX houve um declínio das utopias clássicas e a ascensão do chamado utopismo tecnológico. É como se o grande desenvolvimento da técnica, das tecnologias, das tecnociências trouxesse a esperança de enfim dominar a natureza e assim concretizar uma antiga fantasia utópica. O mal estaria justamente em identificar tal desenvolvimento com progresso e não apenas como um instrumento possível para tal (Sfez 1995; Barbanti 2000).

Nesse sentido, Sfez faz uma crítica ao que seria a grande utopia mobilizadora do ano 2000, a “saúde perfeita” ou “grande saúde”, que pretende ter o controle não só do corpo como de todo o planeta na busca do homem perfeito. Neste ponto somos confrontados com a relação entre utopia e totalidade. Como dissemos há pouco, a utopia que nos interessa é justamente esta que se mostra falha, que recusa o nome preciso, aposta no corpo que ainda pode tropeçar. Na busca da saúde perfeita o corpo é submetido a um rigoroso controle de qualidade para o qual a entrada da tecnologia é indispensável:

(...) radiografado, auscultado, em suas menores dobras, substituídos por pedaços, enxertado em todos os sentidos, prometido à sobrevivência de seus órgãos, o corpo humano é fonte e foco de pesquisas, tecnocientíficas e paracientíficas, provocando uma inflação de proibições e de injunções que confluem num discurso de mídia bastante confuso, de práticas autoritárias até o totalitarismo: governos, comunidades científicas, “sábios” reunidos em comissões de vigilância chamadas bioéticas tomam medida sobre medida. (Sfez 1995: 41)

Mas a utopia da grande saúde não é apenas um assunto técnico, implica a introdução de uma “moral sanitária politicamente correta”. Nesse sentido o autor aponta que há uma moral do bem-comer (sem colesterol), beber um pouco (vinho tinto para as artérias), ter práticas sexuais de parceiro único (perigo da Aids), respeitar permanentemente sua própria segurança e a do vizinho (nada de fumo). A isso poderíamos acrescentar a moral do exercitar-se com frequência. Estes imperativos, sabemos, têm consequências psíquicas importantes gerando uma série de sintomas que a psicanálise identifica como resultado da culpa sentida pelos sujeitos ao não responderem aos imperativos que uma determinada época lhes impõe.

Barbanti (2000) se posiciona contra a ingênua exaltação da técnica numa discussão sobre a arte techno-cyber. O autor faz toda uma crítica a artistas como Stelarc que, segundo ele, acreditam no benefício da técnica por si mesma e expressam esse pensamento modificando seus corpos com artefatos tecnológicos em suas performances. “Braços múltiplos” é uma obra de 1982 que representa bem o intuito do artista australiano. Stelarc faz do seu corpo a tela. Ele entende que o corpo humano, por ser imperfeito, necessita mesmo da técnica para tornar-se potente. Em suas performances, implanta próteses e micromáquinas utilizando-se de tecnologias da medicina, da robótica, da realidade virtual num intuito de expressar o diálogo possível e necessário do humano com as máquinas, do natural com o artificial, encarnando um ser híbrido. Para o artista, é como se o corpo não funcionasse mais adequadamente frente às exigências atuais e, portanto, não pudesse mais ser pensado sem as tecnologias que o complementam rompendo limites biológicos e culturais. Stelarc defende que considerar o corpo obsoleto pode ser o auge da tolice tecnológica ou a maior das realizações humanas (Couto & Goellner 2006).

Barbanti (2000), através de toda uma crítica à arte techno-cyber, aponta para um ponto nevrálgico: no momento em que através da técnica se busca a realização dos desejos utópicos, renunciando-se muitas vezes à reflexão crítica, a própria função da utopia é posta em risco. Haveria assim, ao lado da santificação da técnica, desprezo pela insuficiência do humano. O autor alerta que essa crença na técnica, que torna ideológico o utopismo técnico, traz um paradoxo, visto que, ao mesmo tempo em que buscamos dominar a natureza pela técnica, somos dominados pela própria técnica, ou seja, na medida em que ela se torna vital e necessária, nos faz refém. Além disso, para o autor, a funcionalidade da obra de arte que foi tão criticada por artistas como Duchamp acaba por ser exaltada nesse tipo de obra onde haveria uma economia de reflexão crítica sobre a sociedade.

Todo ato criativo é um ato utópico já que se propõe a fundar um novo lugar de enunciação e assim recuperar “esperanças empacotadas” (Sousa 2002: 28). Barbanti vem justamente questionar a dimensão utópica do ato desses artistas e dessa forma acaba por apontar o próprio esgotamento da utopia frente a

um tipo de utopia tecnicista, a tecno-cyber

Mais ainda o que acontece com a utopia na época da ultramedialidade? Se a arte tem essa capacidade de prefigurar e indicar as tendências fortes de uma dinâmica coletiva do imaginário e logo, de um futuro cenário social e de civilização, então a tendência tecno-cyber parece implicar uma ruptura com uma realidade portadora de uma dimensão utópica. (Barbanti 2000: 155)

### **A metáfora maquinal no esporte**

Hoje em dia, o atleta do esporte-espetáculo é aquele que tem a tecnologia a seu lado, e esse é um ponto fundamental. Como lembra Bauman, o próprio fato de estar em busca do recorde tem a ver com o surgimento da máquina e a possibilidade vinda com isso de um maior domínio do homem sobre o tempo e o espaço:

No tempo das olimpíadas gregas ninguém pensava em registrar os recordes olímpicos, e menos ainda em quebrá-los. A invenção e disponibilidade de algo além da força dos músculos humanos ou animais foi necessária para que essas ideias fossem concebidas e para a decisão de atribuir importância às diferenças entre as capacidades de movimento dos indivíduos humanos [...] (Bauman 2001: 178).

Na busca constante pelo recorde, tem sido de extrema importância o papel desempenhado pelos avanços da ciência já que, quando falamos de milésimos de segundos, um pequeno detalhe é capaz de fazer uma grande diferença. Dentre todo o arsenal tecnológico, temos os estudos científicos capazes de indicar os efeitos do treinamento e a melhor forma de conduzi-lo, progressos na construção dos complexos esportivos, roupas e materiais esportivos cada vez mais sofisticados fazendo parte do arsenal necessário (Rubio 2002; 2006).

Um exemplo recente foi o traje de banho chamado LZR Racer da Speedo usado pelos nadadores nas olimpíadas de 2008 que prometia proporcionar um melhor desempenho. O tecido do supermaiô desenvolvido pela NASA facilita os movimentos do corpo diminuindo a resistência da água. Há uma cinta estabilizadora ao redor do abdômen que ajusta o corpo em sua melhor posição o que facilita a flutuação e reduz a oscilação muscular durante a prova. Muitos recordes foram quebrados nas provas de natação nesses jogos, como nunca antes na história do esporte, alguns chegaram a ser batidos duas vezes, na fase classificatória e depois na final. Falou-se inclusive em “doping tecnológico”, seriam os maiôs a bater os recordes? A resposta ficou um pouco difícil afinal a estrutura da piscina em si também teria tido uma importante contribuição. Um detalhe: o maiô “mágico” fica inutilizável após dez usos. Ao lado da efemeridade dos recordes, fica evidente a efemeridade da própria técnica. Houve toda uma discussão nesse meio sobre o quão justo era o uso dessa tecnologia na busca da excelência e já no final de 2009 a FINA (Federação Internacional de Natação) proibiu o uso dos supermaiôs a partir da temporada de 2010.

Na busca pela excelência, o corpo do atleta é submetido cada vez mais a toda uma ordem biotecnológica. Como aponta Valle (2003), exames de lactato, de capacidade cardio-respiratória, estabelecimento do percentual de gordura, etc. vão submetendo o corpo a um verdadeiro controle de qualidade. Nesse sentido, o atleta da contemporaneidade é um ícone da utopia da Grande Saúde, apontada por Sfez (1995), tendo o corpo esquadrihado na busca do funcionamento perfeito.

Dessa forma, vemos o quanto o esporte de alto rendimento é palco privilegiado do que Rouanet (2003) aponta como uma característica do lugar dado ao corpo pela ciência. Se por um lado ele é muito valorizado no sentido de que se busca dia-a-dia revelar seus mistérios a fim de dominá-lo, por outro isso leva a uma certa banalização, instrumentalização e até mesmo mercantilização do corpo. Acontece que, pensado como máquina, o corpo do atleta rapidamente mostra seus limites.

Dominar a natureza, conforme nos lembra Vaz (1999), está diretamente relacionado às grandes conquistas da humanidade. E o domínio do próprio corpo no esporte seria um ícone disso, denotando certa objetualização, algo como: “eu possuo um corpo o qual a técnica me permite dominar”. Nesse sentido, Sant’Anna (2001) destaca que se nas sociedades antigas importava sintonizar o corpo com o cosmos ou com as forças sobrenaturais, hoje a busca é por sintonizá-lo ao consumo e aos objetos tecnológicos. A essa linha de pensamento seguiu-se o darwinismo social e o uso do biopoder, definido por Foucault (1977) como tentativa de provocar a docilidade social pela ação sobre os corpos. Há toda uma submissão dócil e disciplinada do atleta à metodologia do treinamento esportivo em busca do rendimento. Santin (1994) atenta para o duplo significado da palavra render: que pode ser o ato ou efeito de render-se assim como pode ser entendido como uma ação eficiente e produtiva.

Há uma cena do filme “Poder além da vida”,<sup>2</sup> baseado no livro de Dan Millman em que ele conta as glórias e os percalços da sua carreira atlética, que é especialmente interessante para pensarmos o que nomeamos como metáfora maquinal no esporte. O filme inicia com um pesadelo do atleta onde ele se vê lesionado após a saída de uma sequencia de exercícios nas argolas, seu aparelho principal. No momento em que toca o solo, um de seus tornozelos se esfacela em pedacinhos como uma peça de vidro muito frágil. Cena de dor e desespero para um atleta que está às vésperas de uma seletiva para os jogos olímpicos. O interessante é justamente a maneira como o seu corpo é representado, como peça, como máquina. Mas, ao mesmo tempo em que o humano é deixado de lado, a fragilidade é mostrada, já que a “peça” não parece nada resistente. Aqui está o paradoxo: ao mesmo tempo em que o treinamento no esporte de alto rendimento busca a superação a todo o momento, às vezes de forma maníaca negando o próprio limite real do corpo, por outro lado este limite acaba por se impor.

Sausse (2007) utiliza-se do conceito de “corpo-extremo” para se referir a situações em que o corpo é levado às fronteiras do humano tanto voluntariamente (e aqui se refere desde as modificações provocadas por cirurgias plásticas, tatuagens aos artistas que usam o corpo infligindo-os aspectos não humanos) quanto involuntariamente (o corpo deficiente, o corpo envelhecido, o corpo queimado, todos atrelados à questão do trauma). Para a autora a

(...) desumanização do corpo seria uma maneira paradoxal e subversiva de perseguir aquilo que o humano tem de irreduzível. Neste sentido, o corpo pós-humano como o corpo extremo, é um corpo demasiado humano, pois que ele vem nos interrogar dolorosamente sobre aquilo que resta do sujeito humano em um corpo não-humano (Sausse 2007: 10).

Seria o corpo do atleta de alto rendimento um corpo extremo na medida em que busca um corpo mais que humano? Sendo assim, a busca pela perfeição, pela superação a todo o tempo não seria justamente a procura desse resto de humano? O que nos recorda o sujeito que bate o recorde? Não é justamente a nossa limitação?

Os limites das intervenções tecnológicas permitidas no corpo do atleta é uma questão que está na ordem do dia para o esporte de alto rendimento. O pesquisador Andy Miah<sup>3</sup> chega a afirmar que o esporte é uma atividade tecnológica e que sendo assim a ideologia do homem natural não faz mais nenhum sentido nesse meio. Ele defende, por exemplo, a modificação genética, também chamado de doping genético e proibido atualmente.<sup>4</sup> Afinal o que é permitido? O que é considerado natural ou artificial? Essas questões vieram à tona durante as Olimpíadas de Pequim com o caso do atleta Oscar Pistorius que foi amplamente divulgado pela mídia.

Oscar Pistorius é um corredor sul-africano que teve as duas pernas amputadas quando criança e corre usando próteses especiais. O atleta é vencedor e detentor de recordes em paraolimpíadas e mundiais paraolímpicos. Acontece que em 2007 o tempo de Pistorius nos 400m fez dele o segundo melhor atleta na prova em seu país entre competidores sem deficiência, o que o levou a buscar a chance de representar a África do Sul no revezamento 4 x 400 nos Jogos Olímpicos. Depois de ter o seu pedido de participação rejeitado pelo Comitê Olímpico Internacional por este julgar que as próteses poderiam lhe conceder vantagens, Pistorius apelou para o Tribunal Arbitral do Desporto que, em decisão inédita, o autorizou a participar das seletivas olímpicas. O atleta ficou a milésimos de segundos do índice. Acabou participando dos jogos Paraolímpicos e sagrando-se campeão nos 100m, 200m e 400m na categoria T44 (uma amputação única abaixo do joelho, apesar de sua categoria ser a T43, duas amputações). Em julho de 2011, finalmente o atleta conseguiu o índice para participar de um Campeonato Mundial da modalidade e em 2012 participou das Olimpíadas de Londres.

Reinach, em matéria escrita no Jornal *O Estadão* de 24 de janeiro de 2008, afirma que o caso de Oscar Pistorius ressuscita uma questão discutida pelos naturalistas no século XIX deslumbrados com a aparente perfeição dos seres vivos e ironiza:

Como são produzidos seres vivos, ou, pernas tão perfeitas? Para os criacionistas foi Deus, que perfeito, criou os seres vivos a sua imagem e semelhança. Para os evolucionistas foi a evolução Darwiniana, que teve milhões de anos para testar e selecionar os genes responsáveis pelo funcionamento de nossas pernas. Mas para o IAAF (*Federação Internacional de Atletismo*), parece que a perna mais que perfeita foi criada pela tecnologia humana, mais especificamente por uma empresa da Islândia chamada Ossur. (Reinach 2008: s/pág.)

Se a prótese de Oscar Pistorius é capaz de trazer vantagens sobre os adversários com “pés naturais”, haverá um dia em que os atletas substituirão seus órgãos e membros por outros mais eficazes? Na reportagem do *New York Times*,<sup>5</sup> Leon Fleiser, gerente geral do Comitê Olímpico Africano, pergunta-se: “O

manual diz que um pé deve estar em contato com um bloco de partida. Qual a definição de pé? É um pé protético ou um pé natural?” (). Os atletas já modificam seus corpos das mais variadas maneiras, a mesma reportagem cita como exemplo o fato de rebatedores de *baseball* se submeterem à cirurgia a laser nos olhos para melhorar a visão. Até onde vamos?

### Considerações Finais

Jacoby (2007) alerta que a utopia nasce de uma crítica e é responsável pelas transformações. Logo, se algo está em questão hoje em relação ao utopismo técnico e à repercussão disso no mundo esportivo há de se levantarem questões. Afinal, essa é a função do pensamento utópico, “um desassossego do presente acossado pela responsabilidade com o amanhã” (Sousa 2007: 26).

Barbanti (2000) fala da ameaça à utopia própria da arte quando a exaltação à técnica passa a ser central na obra. E se necessitamos da técnica para tornar concreta a utopia esportiva da busca constante pela perfeição, por chegar onde nenhum outro corpo antes chegou, ainda assim o esporte se sustentaria como uma utopia? O espírito utópico do esporte está em declínio? Frente ao domínio técnico é possível pensar na *arete* como ideal esportivo? O esporte ainda cumpre uma função? O que ele ainda traz como potência?

Retomemos a crítica de Lebrun sobre o “mundo sem limite” no qual vivemos. Lembra o autor que o homem “(...) graças à tecnologia de que dispõe, pode visar deslocar o impossível e arrisca-se, facilmente, a confundir isso com o fato de poder expulsá-lo (...)” (Lebrun 2004: 100). Não há como. O “tudo é possível” é uma impossibilidade estrutural para nós, seres de linguagem.

A partir daí pensamos que, a priori, o espírito utópico do esporte não está ameaçado pela técnica desde que a possamos pensar como não dogmática, ou seja, que ela não seja o ponto fundamental, permitindo assim, ao atleta, como sujeito de desejo que é, protagonizar o feito atlético. O esporte ainda pode oferecer imagem de superação que tenha função de fortalecer o laço social, compartilhamento de um ideal, desde que no diálogo com uma técnica que seja “imperfeita”, não diga tudo deixando espaço para o sujeito. Freud, em *Psicologia de Grupo e análise do Ego* (1922), explicita que a busca de ideais sobre os quais nos constituímos não é necessariamente uma “colagem”

Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do ego segundo os modelos mais variados. Cada indivíduo, portanto, compartilha de numerosas mentes grupais – as de sua raça, classe, credo, nacionalidade etc. – podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade. (Freud 1922: 139)

Pois esse fragmento de independência e originalidade dá espaço a um processo de resistência, de criatividade, o que nos permite pensar que, ainda que o esporte de alto rendimento tenha uma dimensão alienante que se coaduna com valores da sociedade capitalista contemporânea, há um espaço possível de preservação do “sujeito-atleta”. Apostamos que o esporte possa cumprir sua função de fortalecimento do laço social na medida em que puder garantir espaços de desejo àqueles que o praticam. Nesse sentido, pensamos que quando a psicanálise atravessa a escuta do esporte como um discurso do social ou mesmo a escuta do atleta, contribui como ponto de resistência ao “atleta-máquina” dando a ver o sujeito de desejo implicado na sua prática. A prática de um esporte que leva a uma espécie de recalçamento de tudo aquilo que falha no humano conduz a uma redução do corpo a puro objeto do gozo dos espectadores. Uma contribuição efetiva da psicanálise neste campo seria a de possibilitar a esses sujeitos prescindirem deste gozo.

### Referências Bibliográficas

Adorno, T. (1983), *Minima Moralia – Réflexions sur la vie mutilée*, Paris, Payot.

Barbanti, R. (2000), “L’art techno-cyber: La derive technicienne de l’esprit utopique de l’art du XXe siècle. L’utopie à l’époque de l’ultramedialité”, in *L’art au XXe siècle et l’utopie*, org. R. Barbanti, Paris, L’Harmattan.

Bauman, Z. (2001), *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

- Bloch, E. (2005), *O Princípio Esperança*, vol.1, Rio de Janeiro, ed. UERG, Contraponto.
- \_\_ (2006), *O Princípio Esperança*, vol. 2, Rio de Janeiro, ed. UERG, Contraponto.
- Couto, E. S. e S. V. Goellner (2006), "Bioarte – Estéticas de Corpos Mutantes", *Publicação do Ciberpesquisa - Centro de Estudos e Pesquisas em Cibercultura*, Salvador, ano 6, vol. 1, n.º 58 nov.-dez./2006. Recuperado em 10 de outubro de 2009 de: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und>.
- Foucault, M. (1977), *A Vontade de Saber*, Rio de Janeiro, Graal.
- Freud, S. (1996), *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, in Edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, trad. J. Salomão, vol. 18, Rio de Janeiro, Imago, 79-143 [1922].
- Gumbrecht, H. U. (2007), *Elogio da Beleza Atlética*, São Paulo, Companhia das Letras.
- Jacoby, R. (2007), *Imagem Perfeita – Pensamento Utópico para uma Época Antiutópica*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Lebrun, Jean-Pierre (2004), *Um mundo sem limites: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud.
- Reinach, F. (2008), *As pernas de Oscar Pistorius. O Estadão*, São Paulo, 24 jan. 2008 (Versão Impressa).
- Rouanet, S. P. (2003), "O homem-máquina hoje", in *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*, org. A. Novaes, São Paulo, Companhia das Letras.
- Rubio, K. (2002), "Do Olimpo aos Pós-Olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual", *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, vol.16, n.º 2, 130-143.
- \_\_ (2006), "O imaginário da derrota no esporte contemporâneo", *Revista Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, vol.18, n.º 1, 86-91.
- Santin, S. (1994), *Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento*, Porto Alegre, Edições EST/ESEF.
- Sausse, S. K. (2007), "O Corpo Extremo: corpo não-humano, corpo pós-humano ou corpo demasiado humano?" (Resumo), in *O corpo contemporâneo: psicanálise, cultura e criação* (Anais), Rio de Janeiro, Universidade Santa Ursula.
- Sfez, L. (1995), *A Saúde Perfeita. Crítica de uma nova utopia*, São Paulo, Edições Loyola.
- Sousa, E.L.A de (2002), "As utopias como âncoras simbólicas", *Correio da APPOA*, n.º 108, 24-31.
- \_\_ (2007), *Uma Invenção da Utopia*, São Paulo, Lumme Editor.
- Valle, M. P. (2003), *Atletas de alto rendimento: identidades em construção*, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e da Personalidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Vaz, A. F. (1999), "Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal", *Cadernos Cedes*, a. xix, n.º 48.

---

## Notas

<sup>1</sup> Bracht (1997) propõe que classifiquemos as atividades esportivas como esporte de alto rendimento ou esporte espetáculo e esporte enquanto atividade de lazer. Nesse último, os motivos para a prática estão ligados à saúde, ao prazer, à socialização. Naquele, como o próprio nome sugere, a meta é a maximização do rendimento, a busca constante por ultrapassar limites, quebrar recordes.

<sup>2</sup> *Poder Além da Vida*, Direção de Victor Salva, EUA, 2006 (120 min.).

---

<sup>3</sup> Miah, Andy, *Atletas geneticamente modificados*, 16 set. 2004. Disponível em: <http://escriba.org/novo/?p=4>, acessado em 7 de janeiro de 2007.

<sup>4</sup> O autor explica como a modificação genética traria benefícios: “As aplicações atuais indicam maneiras de se aumentar a massa muscular utilizando-se de fatores de crescimento, como o IGF-1, que é parecido com a insulina. Para aumentar a capacidade de resistência de uma pessoa, pode-se promover o desenvolvimento dos glóbulos vermelhos do sangue, que carregam oxigênio pelo corpo. Isso é possível pela introdução de DNA externo por meio de um vírus, que infectaria uma determinada área do corpo do atleta com o novo DNA. No entanto, outras aplicações são possíveis também. A transformação ou desligamento de certos tipos de fibras musculares para otimizar o uso das fibras desejadas poderia ajudar aos corredores de longas distâncias. A alteração genética da sensação de dor também poderia beneficiar um atleta durante uma competição” (Miah 2004: s/pág.).

<sup>5</sup> “Atleta deficiente quer competir nas Olimpíadas e causa polêmica”, [www.G1.com.br](http://www.G1.com.br). 15 mai. 2007, acessado em 26 de janeiro de 2008.